

MARÉ VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO V N.º 211 — Preço 6\$00 — 21/8/80

A. D. RESOLVEU IR DE FÉRIAS...

...e levou os papéis!

A última sessão da Assembleia Municipal, realizada já no passado dia quatro (como o «Maré Viva» não saiu na última semana, só agora a ela nos podemos referir em pormenor) revestiu-se de aspectos assaz curiosos...

Pode afirmar-se sem rodeios que a AD decidiu boicotar a sessão, numa atitude muito «de-

mocrática»: não aceitou uma *decisão maioritária* votada pela A.M., que deliberara marcar sessão para aquele dia. Então, e o respeito pelo voto? E o respeito pelas maiorias? E o respeito pelas instituições e seu funcionamento? Como a AD não queria tal data, «amouou» e decidiu não pôr lá os pés. Claro que apareceram, bem mandadas, as desculpas: que os comunistas, que também os socialistas, e mais não sei o quê... Enfim, desculpas de mau pagador para uma atitude que qualquer pessoa de boa fé certamente condena.

Como se não fosse já grave este «tiro» colectivo à Assembleia, os deputados da AD fizeram ainda pior: a A.M. viu-se impedida de trabalhar (se as-

sim o desejasse, pois tinha o direito e... o «quorum»), pois não tinha os documentos necessários para a discussão da ordem do dia, nomeadamente as propostas já entradas para alterações ao Plano de Actividades. Ou seja, a AD não foi trabalhar nem permitiu que se trabalhasse. Não é difícil adivinhar porquê...

Jorge Carvalho chamou a atenção para a indiscutível gravidade daqueles actos, denunciando a falta de brio da Mesa da Assembleia. Considerou aquele deputado da APU que a Mesa se demitiu das suas responsabilidades, esquecendo as suas obrigações supra-partidárias enquanto órgão eleito que representa todos os membros da Assembleia.

PRESIDENTE DA CÂMARA TAMBÉM FALTOU

Estranha e reprovável foi, também, a ausência do Presidente da Câmara José Fonseca. Tal procedimento deve-se, certamente, a razões de solidariedade partidária. José Fonseca esqueceu que, enquanto Presidente da Câmara, tem responsabilidades especiais e nunca a sua filiação num partido deveria sobrepor-se aos interesses da comunidade, no caso vertente ao pleno funcionamento das instituições. Esta ausência

foi lamentada pelo deputado Barata (PS), que afirmou que o Presidente da Câmara «devia estar acima destas atitudes anti-democráticas».

Também Avelino Zenha (PS) tomou a palavra para se referir ao boicote dos membros da AD. Qualificou-o de procedimento grave, «sobretudo se lembrarmos afirmações como a de que «a Câmara é nossa» e ou-

continua na página 8

HÓQUEI
EM CAMPO
TAMBÉM

É «GENTE»...

Página 7

«SR.ª ADELINA
DO MOCHO»
TEM QUE
CONTAR...

Página 5

reunião
da
câmara

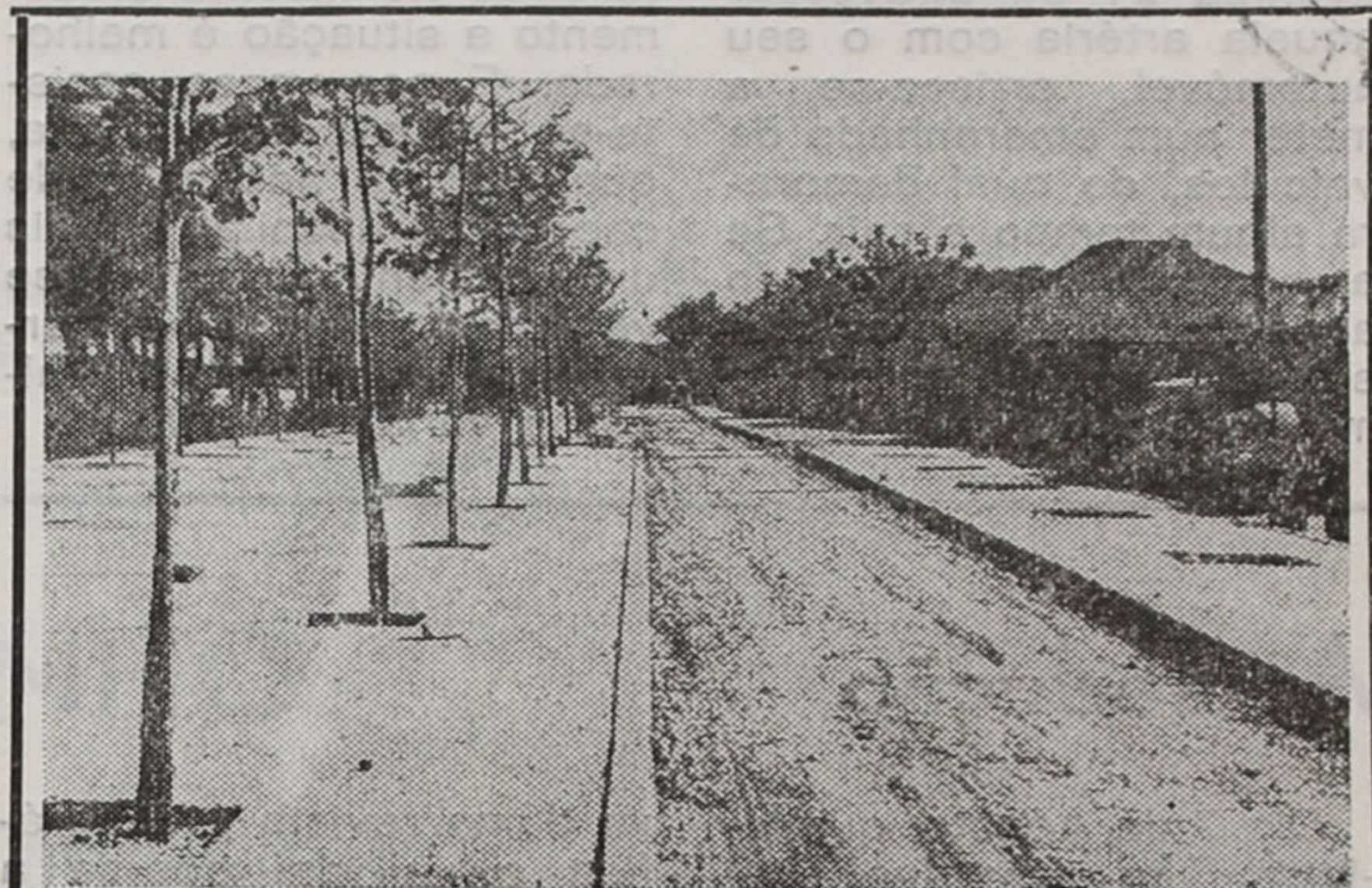
A compra de um imóvel em Paramos pela quantia de 6.000 contos, e que havia sido decidida pela Assembleia Municipal, foi o ponto mais «quente» da última reunião da Câmara, no passado dia sete.

Sobre a decisão da Assembleia Municipal e consequentes implicações, já o «Maré Viva» informou detalhadamente, no seu número anterior. Lembra-se que, para conseguir a quantia necessária à aquisição do imóvel em Paramos, a A. M.

teve que transferir certas verbas previstas para outras obras. Como é à Câmara que compete executar, esta deliberou oficial ao presidente da A.M. no sentido de providenciar urgentemente pela aprovação final do Plano de Actividades, a fim de poder pronunciar-se sobre a legalidade da transferência das verbas e sobre a correspondência das obras propostas para a substituição.

O assunto mereceu forte discussão entre os vereadores e várias declarações. Artur Bartolo (PS) disse que só poderia votar esta proposta de transferência de verbas com plena consciência quando estivesse aprovado o Plano de Actividades e tivesse sido estabelecida uma ordem de prioridade. Mar-

çal Duarte (AD), por sua vez, declarou-se não responsável pelos prejuízos de tipo social que o adiamento venha a causar — isto no caso de a transferência de verbas ser considerada legal. Casal Ribeiro (APU) lamentou que a A.M. não tenha enviado à Câmara, juntos com o documento, os estudos já feitos sobre o problema (estudos esses a que Marçal Duarte havia aludido). António Ruano (PS) lamentou a posição de Marçal Duarte pois, como vereador do pelouro das obras, não providenciara no sentido de que a Repartição Técnica apresentasse o estudo económico sobre a vitalização da aquisição do edifício. O presidente José Fonseca (AD) não gostou da posição de António Ruano



Feira «estica» para norte

O leitor já deve ter reparado: para norte da rua 19, ali junto à Avenida 24, têm andado homens a trabalhar. Começam a aparecer longas faixas cimentadas, alternando com arruamentos. O desenho não engana ninguém — é terreno de feira.

Como se sabe, um projecto antigo já aprovado vai «ceder» ao Palácio da Justiça aquele frondoso «rectângulo verde» onde, por agora, se vendem frutas e hortaliças à segunda-feira. Lá para meados de Setembro, segundo nos informaram na Câmara, as ditas frutas e hortaliças vão mudar de sítio, passando a ocupar os novos lugares que a gravura apresenta. O início das obras para o Palácio da Justiça, entretanto, não deve tardar.

A Câmara pretende, também, libertar a zona fronteira ao Parque de Campismo. Se nos lembrar-mos ainda das camionetas de carga que, em dias de feira, estacionam junto à zona das frutas, tira-se uma conclusão: os novos terrenos (entre as ruas 19 e 11) não vão ser suficientes para albergar tudo isto.

Como vai ser, então?

Afirmou-nos Marçal Duarte, vereador responsável pelas obras, que se tentaria expropriar o restante terreno para norte da rua 11, até à rua 62, e aí ficariam estacionadas as camionetas de carga. Mas isso só será possível numa segunda fase, e não já em Setembro.

O certo é que, na zona nova, os lugares são em número inferior aos da zona que lá se pretende transferir. Ou seja, não vai ser fácil e é de prever que venha a dar alguma confusão.

Em tempo de veraneio, os ânimos chegaram a «aquecer»

e chegou ao ponto de a classificar «politicamente patológica». Finalmente, Cardoso (AD): «Tenho pena disto não ficar resolvido, parece que estamos na Assembleia da República a lavar roupa suja, o que é muito desagradável para homens como nós».

CONSTRUÇÃO DE 18 FOGOS

A construção de 18 fogos foi posta de parte, por enquanto, porque o Fundo de Fomento de Habitação comunicou à Câmara de Espinho não ser possível que o empréstimo concedido fosse transferido para outro empreendimento. Assim a Câmara decidiu pedir autorização à Assembleia Municipal pa-

ra contrair o empréstimo necessário para a construção das casas de renda limitada.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DE ESPINHO

Sabendo nós das proporções que atinge o problema da habitação em Espinho, como ficou demonstrado com o recente concurso das casas da Ponte de Anta, é com agrado, com certeza, que acolhemos esta decisão da Câmara relativa ao início do processo tendente à elaboração de um Plano de Urbanização do Concelho de Espinho. Esperemos para ver os resultados.

continua na página 5

CIDADE

O pandemónio

Quem à segunda-feira pretender circular pela avenida 24 ou atravessar aquela artéria com o seu automóvel, arrisca-se a meter num emaranhado de veículos, do qual demorará algum tempo a sair. Se a situação ao longo do ano é aflitiva, nestes meses de verão em que o movimento da feira dupli-

ca, torna-se angustiante. Nem mesmo com dois sinais no mesmo cruzamento a situação é melhorada. E por vezes assiste-se a uma ambulância, que embora necessite de chegar ao hospital o mais urgentemente possível, se vê completamente «engarfada». Que solução? Talvez a variante à 109...

A sedução

Dia 7 de Agosto, quinta-feira. Um indivíduo chamado António da Silva Couto, com uma idade já bem perto da casa dos 50, tentou seduzir uma menor. Veio da Cruz na Vila da Feira e escolheu Espinho para cenário da sua acção. Primeiro falas manhas, depois o convite. Pu-

xa duma revista pornográfica e vai daí põe-se a mostrá-la à menor, «elucidando-a». Só que estando demasiado concentrado na sua missão, não se apercebeu que o seu jogo havia sido descoberto por um agente da P.S.P.

E vai daí... prisão e tribunal.

Balanço policial

O comando distrital de Aveiro da PSP divulgou, como é habitual, o relatório de actividades daquela corporação na cidade de Espinho, durante o mês de Julho.

Uma boa notícia para iniciar: em relação à criminalidade, mantém-se uma tendência para abaxamento que vem já dos últimos meses. É nota de relevo, se nos lembrarmos que decorre um período de férias e Espinho ganha, em consequência, um enorme movimento. Parece que os larápios também se resolveram a meter férias!... Oxalá as tenham prolongadas!

Ao todo foram efectuadas 11 prisões, por diferentes motivos (furto, falta de carta de condução, agressões entre cidadãos, droga, etc.).

Houve que elaborar 50 inquéritos preliminares, dos quais 37 por criminalidade e 13 por acidentes de viação.

Em relação ao trânsito, operações stop levaram à fiscalização de 322 veículos. Refere a PSP que «a fiscalização do trânsito incidiu sobre imposto de circulação e veículos de matrícula estrangeira em situação ilegal no País, acção que continuará a ve-

rificar-se em Agosto».

Para início de verão, portanto, nada mau. Esperemos que o mês de Agosto, tradicionalmente o mês mais quente, não faça subir os números agora apresentados. E se puder até descê-los mais um pouco, ninguém se zanga...

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 58/80

CLASSIFICAÇÃO PROVISÓRIA DOS CONCORRENTES A ATRIBUIÇÃO DE UMA LICENÇA PARA VEÍCULO LIGEIRO DE PASSAGEIROS DE ALUGUER, COM ESTACIONAMENTO EM PARAMOS

Para efeitos do disposto no artigo 9.º da Portaria n.º 149/79, de 4 de Abril, torna-se público a lista da classificação provisória deste concurso:

- 1.º — Alberto Pinto Romeira
- 2.º — Alberto Edumundo Cardoso da Rocha Vale
- 3.º — Raul Fernando Dias da Silva
- 4.º — Florêncio Augusto da Costa Castelhana

É concedido aos interessados o prazo de quinze dias, a contar da publicação deste edital no Diário da República, para a entrega de eventuais reclamações, que terão de ser concretas e devidamente fundamentadas.

Espinho, 12 de Agosto de 1980

O Presidente da Câmara, José Carvalho da Fonseca

Convite

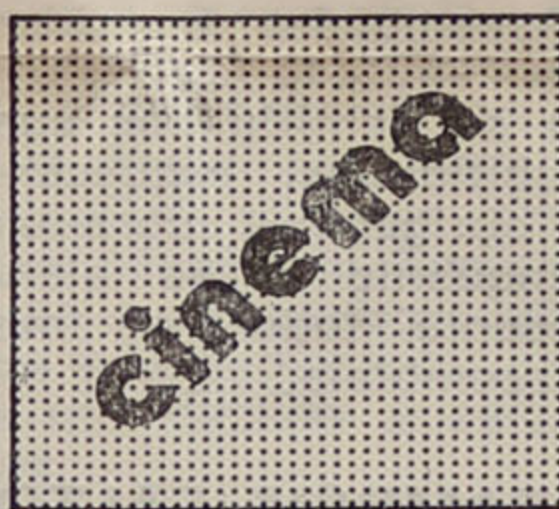
A Câmara Municipal de Espinho realiza no dia 23 de Agosto, Sábado próximo, pelas 21 e 30 horas no Salão Nobre, um concerto de Canto pela Cantora Espinhense — MANUELA BIGAIL — acompanhada ao Piano por — JAIME MOTA.

Convidamos a população de Espinho a participar nesta realização que, pela craveira profissional de que se revestem os Artistas, vai ser indiscutivelmente de alto nível musical.

O Presidente da Câmara, José Carvalho da Fonseca

O corredor

O Teófilo Eduardo, residente na rua 6 n.º 820, parece ser um apaixonado por rallis. Mas como não tinha carro «tomou um emprestado» (que é como quem diz: roubou), com a matrícula NR-89-30. Pôs-se a acelerar e pouco depois «estampou-se» (que é como quem diz: teve um acidente). A Polícia que vinha na roda, capturou-o para azar dele. Foi isto no dia 14, quinta-feira, em Espinho.



Quinta-feira, 21
OS QUATRO D VIDA AIRADA
M/ 13 anos

Muito publicitado nos Estados Unidos, este filme de Peter Yates tem dividido em opiniões extremas a crítica internacional, não se conseguindo assim formular um consenso. Não querará isto dizer que é uma necessidade premente, mas não há dúvida que é curioso. «Breaking Away» no título original, fala-nos da procura dos jovens americanos em integrarem-se (à sua maneira na sociedade do «establishment»). Portanto, convida-se o leitor a tomar também posição.

Sexta-feira, 22
A NINHADA
M/ 18 anos

A fita de terror pelo processo da repugnância e da fobia que algum público sente por alguns animais parece continuar a merecer investimento, recorrendo mesmo a actores conhecidos como Oliver Reed e Samantha Eggar. Os ratos abundam e causam muitos prejuízos, mas neste caso estão absolutamente inocentes do mau trabalho em que involuntariamente foram metidos.

Sábado, 23
O ESPÍRITO DE BRUCE LEE
M/ 13 anos

Mais uma vez o «homenzinho» depois de morto continua a fazer render dividendos. Pelo que se vê, o fenómeno não pára. Quer isto confirmar o ditado: a desgraça de um... é a sorte de outros. Coitado dele, e de nós.

Farmácias

Quinta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Sexta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Sábado — Teixeira - Av. 8 Centro Comercial - Tel. 920352
Domingo — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Segunda — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Terça — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Quarta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092

Rifas da Nascente

17.ª Semana — Extracção de 8/8/80

393	1.000\$00	Afonso Fernandes Pena
093	100\$00	Balbina Casal Ribeiro
193	100\$00	Severiano de Matos
293	100\$00	Hernani Fonseca da Cruz Barrosa
493	100\$00	Idálio Correia
593	100\$00	Sebastião Pinto Preda Prata
693	100\$00	Maria da Conceição Vieira
793	100\$00	Magno Correia de Castro
893	100\$00	David Ferreira de Castro
993	100\$00	Joaquim Pinheiro de Moraes

Mare Viva

Director:
ANTÓNIO SANTOS

Redacção:
RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

SEMÁRIO

Propriedade :
NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :
João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Luís Costa, Moraes Gaio e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Eugénio Moraes, José Cruz, Manuel Loureiro e Nunes Carneiro (colaboradores de redacção); Hélder Pacheco (colaboração especial).

Composição e impressão :
TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRÁFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016
Tiragem média: 1.500 exemplares

Domingo, 24
O TRIÂNGULO DAS BERMUDAS
M/ 13 anos

O mistério em que aquela zona geográfica está envolvida não parece estar devidamente desvendado e esclarecido, pelo que muitas têm sido as suposições avançadas. Com tal popularidade, não era de estranhar que alguém surgisse a explorar este e outros fenómenos do incrível e do insólito. Simplesmente muita gente fica defraudada pelo pouco cuidado científico e técnico com que este tipo de produções é feito. Assim aconselhamos a quem se interesse por este assunto que continue a pesquisar por outros processos, pois por este não vai a lado nenhum, a não ser ao do garantido desencanto.

Segunda-feira, 25
TÉCNICAS DO AMOR
M/ 18 anos

Os comerciantes da pornografia por vezes recorrem a estes aparentes métodos sofisticados de «educação sexual» para venderem melhor o produto, ao que não falta nunca a chancela de recomendação de um qualquer instituto. Estes dinamarqueses são uns pontos.

Terça-feira, 26
O MISTÉRIO DAS AREIAS
M/ 13 anos

Na boa e antiga tradição dos ingleses, temos para ver um agradável filme de aventuras e espionagem desempenhado por um elenco praticamente desconhecido. O drama passa-se no princípio do século e nele está patente a rivalidade bem latente entre alemães e os súbditos de Sua Magestade. Interessante de ver.

Quarta-feira, 27
A ÁRVORE DOS TAMANCOS
M/ 13 anos

A consciencialização política de uma classe não é feita necessariamente através de formas espectaculares e violentas. A submissão aparente e o silencioso sofrer de uma brutal exploração e prepotência provoca em quem as sente, um estado de revolta que conduz inevitavelmente à luta libertadora contra tal situação de coisas. Eramos conhecidos. O trama passa-se no e habitantes de uma região italiana realiza assim uma extraordinária e profunda obra cinematográfica, e onde durante as quase três horas de projecção somos levados finalmente a compreender porquê uns encaram assim a sua condição social e outros o contestam aparatosamente, mas em qualquer deles uma conclusão comum: só com um ardente ideal e integrado numa organização que consequentemente o concretize se consegue levar de vencida a classe dominante e exploradora. Um filme a não perder.

AGRADECIMENTO

Carlos Jerónimo Fernandes Pereira
(XABREGAS)

Sua esposa, filhos, irmãos e restante família vêm muito reconhecidamente por este ÚNICO MEIO agradecer a todas as pessoas que compareceram no funeral do saudoso extinto.

LOUROS

«A nossa Constituição aponta como uma das medidas prioritárias a adoptar para a sociedade portuguesa, e como uma das mais fundamentais vias para se alcançar a meta socialista nela preconizada — mas infelizmente cada vez mais distante — a dinamização do sector cooperativo.

Efectivamente, a partir do 25 de Abril de 1974, o cooperativismo afastou-se da tacahez e do marasmo em que se encontrava e conheceu um enorme surto de desenvolvimento.

Muitas foram as cooperativas então nascidas, dedicando-se às mais diversificadas actividades, todas elas obviamente viradas para a defesa dos interesses das classes de mais limitados recursos económicos; terá de assinalar-se, por amor à verdade, que nem sempre as coisas foram conduzidas nas pistas mais certas e seguras como seria de desejar, e isto por várias e plausíveis razões, sendo a inexperiência de muitos e, sobretudo, a falta de quadros dirigentes, os grandes responsáveis por alguns insucessos verificados, pese embora o desbordante entusiasmo e interesse que todos puseram no arranque decisivo do sector cooperativo que é hoje, uma realidade que ninguém pode refutar.

Os vários governos que se têm sucedido, mesmo os de cariz mais progressistas, não dedicaram a este importante sector a atenção que ele amplamente justifica e merece, ati-

tude que se lamenta e condena. É assim que a grande maioria das cooperativas enfrenta, ainda hoje, situações de tremendas dificuldades, muitas delas encarando mesmo o angustiante espectro de pura extinção, isto em resultado da lamentável falta de apoio da mais variada ordem, nomeadamente no campo económico, onde as carências se fazem sentir e avolumam dia a dia.

(...)
Sendo que o cooperativismo apenas visa, em toda a sua extensa área de actividade, desenvolver acções vincadamente sociais, portanto sem quaisquer fins lucrativos que não sejam os estritamente indispensáveis a toda a sua movimentação, custa a entender, e não se aceita mesmo, que não exista, até agora, qualquer disposição oficial ou legislação adequada que contemple este necessário e fundamental sector da vida nacional, que imponha aos bancos portugueses o financiamento às cooperativas das verbas indispensáveis a toda a sua actividade, com prazos de solvência dilatados e taxas de juro necessariamente mais reduzidas. Não proceder desta maneira é criar condições para o definhamento do sector, quando não mesmo provocar o seu total estrangulamento. Só a muita pertinácia e o imenso sacrifício dos homens que dirigem certas cooperativas conseguem — quando conseguem — conduzir o barco a porto mais ou menos seguro.»

LOUROCOOPE

faz três anos

Retirámos este texto do boletim «Nascente Cooperativista» editado pela LOUROCOOPE. Para além daquele estudo sobre cooperativismo e aumento do custo de vida, o boletim apresenta outros textos de opinião e larga informação sobre as actividades da própria Cooperativa.

Estando a comemorar-se, du-

rante o mês de Agosto, o 3.º Aniversário da LOUROCOOPE, estão previstas diferentes actividades para quase todos os dias, a partir do dia 22. Desde colóquios a sessões de cinema, passando por espectáculos de teatro, uma tarde infantil e um arraial, haverá um pouco para todos os gostos.

Finalmente, lembra o bole-

tim que Novembro vai ser mês de eleições na LOUROCOOPE. Os corpos gerentes dos dois últimos anos serão rendidos por outros, que ficarão com a responsabilidade do próximo biénio. Apelando à participação, aí se refere que a experiência de gestão da Cooperativa devia ser feita por todos os associados.



COOPESPINHO:

«Venha tomar café connosco...»

Também a COOPESPINHO, cooperativa de consumo da nossa terra, publicou o n.º 7 do seu boletim que se chama precisamente, «Boletim».

O artigo de fundo foca o tema «Cooperativismo e Constitui-

ção». O editorial faz o ponto da situação quanto ao apoio do Estado à COOPESPINHO. Para além disto, aparecem várias outras notícias e informações de interesse para os associados, não faltando uma página para os mais pequenos.

Pelo meio, um convite repetido: «Venha tomar café connosco...». Tomar café, encontrar, conversar e... ver televisão a cores! Sim senhor, já lá está bem afinadinha, na sede da COOPESPINHO. Rua 62, como sabe.

Os «SHIRTS» contagiaram

Com um tipo de música alegre, irreverente, bastante viva e contagiante — foi assim que «The Shirts» se apresentaram, no passado dia 11, no pavilhão da AAE. Ali deram o primeiro de dois concertos em Portugal, cantando canções do seu último álbum «Inner Sleeve», recentemente lançado nos Estados Unidos e não editado ainda entre nós.

«The Shirts» apareciam em Espinho um pouco desconhecidos, apesar dos seus dois álbuns: «The Shirts» e «Street light shine», que serviu de promoção à sua vinda. Apesar disso, contagiaram a assistência ao longo das duas horas de espectáculo.

O grupo é constituído por músicos descendentes de emigrantes italianos e tem por «grande figura» a vocalista Annie Golden.

A nossa apreciação ao concerto dos «Shirts» pode dividir-se

em dois aspectos:

— o primeiro refere-se à loureira de um metro e sessenta de altura (vedeta do filme «Hair») que em Espinho reafirmou o que a crítica dela escrevera: «... cantando com um misto de dureza e ternura, de desprendimento e de sensualidade, vocalista de nuances inesperadas e expressivas — Annie Golden».

— o segundo tem a ver com o grupo, um grupo famoso que, embora não possa considerar-se ainda na primeira linha do Rock norte-americano, para lá caminha. Actuaram com bastante garra, aproveitando as suas qualidades vocais e utilizando-as com muita imaginação (pena é que os 8.000 watts da sua aparelhagem estivessem tão alto...). Têm no palco uma movimentação viva e apresentam textos a que o grupo incute uma «mensagem» de esperança e de coragem, particularmente

em relação aos jovens.

Não pomos aqui ponto final à crítica do espectáculo por nos parecer que a organização nos quer habituar a não acreditar no programa previamente anunciado. Referimo-nos à ausência do «Go Graal Blues Band» que devia abrir o espectáculo. É pena, porque esta banda portuguesa já ganhou crédito entre nós e por certo entusiasmaria os 3.500 espectadores.

Na altura em que decorre o «Summer Rock Festival 80», o nosso jornal já se encontra nos quiosques. Dele falaremos no próximo número.

Mas há mais! É já no próximo dia 24 que teremos a presença dos «Dr. Feelgood», com os «Beatnicks» na primeira parte. Lá estaremos.

«QUANTO VALE UM POETA?»

Foi num sábado, no passado dia 9, «Quanto vale um poeta?» falou-nos de Camões, de uma realidade quinhentista que insiste em encontrar hoje continuidade em múltiplos aspectos do nosso quotidiano.

O espectáculo interpretado pela companhia portuguesa «Seiva Trupe» foi promovido pela Câmara Municipal, integrando-se nas comemorações do IV Centenário da morte de Camões. Uma iniciativa que consideramos francamente positiva e que desejamos ver continuada em futuras realizações do género. Só a publicidade falhou: e embora não se possa dizer que a sala estivesse às moscas — longe disso — notou-se a ausência de muito público habituado a frequentar este tipo de iniciativas. Também a altura do ano não seria a melhor... De qualquer forma «Quanto va-

le um Poeta?» valeu a pena.

Com coordenação de textos e encenação de Norberto Barroca, música original e coordenada por Miguel Graça Moura, «Quanto vale um Poeta?» apresenta um conjunto de dados sobre um Camões de quem se desconhece de facto quase todos os aspectos da sua vida e de quem se sabe o fim um fim de pobreza e doença, concordante com uma época em que a Inquisição dominava um país em decadência caminhando para a perda da sua independência. «Quanto vale um Poeta?» é nome de peça mas é também uma pergunta deixada no ar num desafio à nossa realidade cultural dos dias de hoje. Quanto vale um poeta na «Pátria onde Camões morreu de fome, e onde tantos enchem a barriga de Camões»? (Almada Negreiros in «Cena de Ódio»).

COMPREENDER OS ASTROS

Decorre, de 24 a 31 de Agosto, a 1.ª Semana Astro-nómica de Espinho. É uma realização do Grupo de Estudos do Universo, que convida o leitor a participar. É no Salão da Piscina.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

AVISO

A Câmara Municipal de Espinho torna público que, de harmonia com o deliberado em reunião de 7 do corrente, foi anulado o concurso público para o preenchimento duma vaga do contingente de automóveis de aluguer ligeiros de passageiros para a freguesia de Sil-

valde deste concelho, cujo aviso de abertura de concurso foi publicado no Diário da República, 3.ª Série, n.º 128 de 3/6/1980.

Paços do Concelho de Espinho, 12 de Agosto de 1980.

O Presidente da Câmara, José Carvalho da Fonseca

Zé Viana na festa da APU

«Todos os artistas têm um empenhamento político. Eu sou um artista político e não se acreditem nos que dizem ser apolíticos. Eles ao afirmarem-no estão a fazer a sua política» — são as palavras simples de um grande artista chamado José Viana, ao dirigir-se às pessoas que na noite fria de sábado (e apesar disso eram muitas) foram até ao Rio Largo assistir àquela iniciativa da Aliança Povo Unido. Em quase duas ho-

ras de actuação de José Viana e Dora Leal, esteve patente a alegria, o poder de comunicação e de motivação daqueles dois artistas, que se distinguiram nomeadamente através do teatro de revista. Foi assim caracterizada aquela actuação, com canções de cunho satírico-político, com alguns quadros de revista e com palavras simples e verdadeiras como aquelas que acima descrevemos. As pessoas que assistiram não

desmobilizaram, pese embora o frio que se fazia sentir, e não deixaram de aplaudir, integrando-se no espírito do espectáculo.

E foi em jeitos de comício que José Viana e Dora Leal deixaram o palco, prometendo voltar de novo a Espinho. Foi ainda anunciado que iniciativas semelhantes vão ser levadas a cabo pela APU de Espinho, mesmo antes da abertura da campanha eleitoral.

Reunião da Câmara CURSOS DE NATAÇÃO NA PISCINA

continuação da página 1

OS DOIS MILHÕES DE CONTOS

O Governo anunciou, há tempos, que ia distribuir pelas autarquias dois milhões de contos. Um requerimento do PS perguntava se, daquela verba, caberia algum dinheiro a Espinho. A Câmara informou que não tem conhecimento de haver sido atribuída qualquer importância a este concelho. Mais, dispôs-se a indagar das razões por que não recebeu nada. Vejamos se vai descobrir alguma explicação.

Espereamos que isto cale fundo em certos senhores cá do burgo que, aquando da promessa do Governo, embandeiraram em arco e fartaram-se de aplaudir...

VENDA ILEGAL DE CARNES

A Associação dos Comerciantes de Carnes do Porto dirigiu um ofício à Câmara, chamando a atenção para a venda ilegal de carnes na Feira Semanal. A Câmara tomou conhecimento e ficou de estudar o assunto. É importante. Todos sabemos a quantidade impressionante de

peçoas que vêm à feira de Espinho. Todos sabemos, também, como as condições de higiene em que se procede à venda de carnes deixam, em bastantes casos, muito a desejar.

Já que se fala de carnes: a Câmara deliberou também reactivar o processo ao nível da Junta Nacional dos Produtos Pecuários tendente a saber exactamente qual a actual situação do Matadouro.

DISTRIBUIÇÃO DE VERBAS

Foi já autorizado o pagamento das verbas atribuídas para realizações turísticas e aprovadas pela A.M.. Desta autorização, entretanto, está por agora excluída a verba destinada à Companhia de Paramos, até que seja consultado o Ministério da Administração Interna para saber se tal verba se enquadra ou não (legalmente) no domínio das «realizações turísticas»...

JOGOS SEM FRONTEIRAS

A Câmara encarregou o seu Presidente de estudar uma proposta vinda da Direcção Geral de Turismo, tendo em vista a eventual realização de uma edição dos «Jogos sem Fronteiras» na nossa zona — Costa Verde.

A natação é um dos desportos mais completos, senão mesmo o mais completo de todos. Sendo o desporto uma prática extremamente salutar, eis uma das formas de justificar a prática de tal modalidade. Porque cremos serem poucas as pessoas que assim não pensam (daí hoje em dia ser raro o encarregado de educação que não procura ministrar directa ou indirectamente aos seus filhos o ensino do saber nadar), abrimos aqui espaço para uma con-

forneçasse as necessárias verbas.

M. V. — A semelhança do ano passado, como surgiu este ano o curso, que contactos foram feitos, que meios utilizados?

F. B. — Bem, eu tenho o contacto e o apoio da DGD, já que tirei o curso de monitor e estive a dar aulas de natação no Sporting de Aveiro. Pessoalmente estou também interessado em que o contacto se mante-

idades, do que resultam cinco divisões ou classes: até aos 7 anos, 8 e 9 anos, 10 e 11, e dos 12 aos 14 anos. É claro que os mais pequenitos são os que dão mais trabalho e os que abandonam com maior frequência dada a temperatura da água, que é extremamente fria.

M. V. — Para o ano como vai ser?

F. B. — Primeiro e antes do mais, tudo depende da contemplação deste tipo de cursos pelo Orçamento Geral do Estado. Depois tem de se olhar às condições de trabalho, que têm de ser mínimas para que o trabalho desenvolvido dê alguns frutos, o que não acontece nem vem acontecendo. A boa vontade da Câmara não é suficiente para ceder a piscina para as aulas. Eu por vezes quero da parte da tarde dar aulas aos miúdos e não posso, tal é o «pandemónio» que reina na piscinas. E não temos sequer a possibilidade de dividir o tanque com uma corda, para trabalhar à vontade...

Portanto, para o ano só mesmo se existir um mínimo de condições indispensáveis. E é pena porque a partir do 180 miúdos que cheguei a ter a meu cargo, posso avaliar que a cidade tem um bom potencial na natação.

M. V. — Quanto aos alunos mais velhos, que integração competitiva?

F. B. — Essa integração é praticamente impossível, já que não possuímos, por um lado as tais condições nesta piscina e por outro uma piscina coberta para o inverno. Daí que, e embora tenha ministrado aos mais velhos uma preparação digamos pré-competitiva, ela surge apenas como um estímulo para que eles não desistam.

E limito-me apenas a aconselhar-lhes a frequência da piscina de Lamas que vai abrir este ano novamente...



Este ano ainda há cursos de natação gratuitos. Para o próximo ano, «só se existir um mínimo de condições indispensáveis» — afirma o monitor.

versa com o monitor Fernando Barreto, responsável por um curso de verão, gratuito, e que tem por instalações naturalmente, a piscina Solário Atlântico da nossa cidade.

M. V. — O patrocínio deste curso está a cargo de que entidade?

F. B. — Este curso é da iniciativa da Direcção-Geral dos Desportos, mas não seria possível a sua realização e a Secretaria de Estado respectiva não

nam, uma vez que pretendo alcançar uma formação técnica superior àquela que possuo neste momento. Concretamente sendo treinador de 4.º grau pretendo passar ao 3.º.

M. V. — E quanto aos escalões etários dos alunos?

F. B. — Este ano e em relação ao ano passado houve um alargamento do escalão etário, que se traduziu na admissão de alunos com 4 e 14 anos. Assim, eles são diferenciados por

SNACK - BAR

PRÍNCIPE

RESTAURANTE

Encerra à terça-feira

R. 14 n.º 473 (âng. Rua 15)
Telef. 922247 — ESPINHO

FONSECA

TECIDOS MODAS

ESPINHO

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ASSINE O

Maré Viva

RAICA

Modas e Confecções

Rua 62 n.º 101 - Tel. 922896
ESPINHO

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares

Serviço à lista

Especializado em

Casamentos e Baptizados

Grande Variedade de

Petiscos

Rua 23 n.º 808 - Tel. 923152
ESPINHO

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO

Telef. 921823

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

MODAS MENDES

LANIFÍCIOS

MODAS — CAMISARIA

R. 16 n.º 683 - Tel. 920168

ESPINHO

A Nova de Espinho

TINTURARIA e LAVANDARIA

Lavados a seco com rapidez

Tintos em todas as cores

LUTOS RÁPIDOS em 24 h.

R. 22 n.º 495 - Tel. 921074

ESPINHO

A CONCHARINHA

FERNANDA ISABEL

MARTINS DA SILVA

Artigos para homem, senhora e criança — Miudezas

Rua 18 - Mercado Municipal

Telef. 922206 — ESPINHO

Pinto de Matos

ESPECIALISTA

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

REUMATOLOGIA

Rua 19 n.º 264 - 1.º — Telef. 921218

ESPINHO

ALBUQUERQUE PINHO FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS

R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939

4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 922964

4500 ESPINHO

Vasconcelos

Guimarães

ENFERMEIRO

Rua 33 n.º 2 a 10

(ângulo da rua 2)

TELEF. 920945

4500 ESPINHO

A MAIS AVANÇADA TÉCNICA NA LIMPEZA E TRATAMENTO DO SEU VESTUÁRIO

Lavandaria LÁVAR

LIMPEZA A SÊCO

LAVAGEM E SECAGEM DE ROUPA BRANCA

LIMPEZA E COLORAÇÃO DE PELES

SERVIÇO RÁPIDO

RUA 12 N.º 640 — TELEF. 923704

ESPINHO

Conclui-se, hoje, o estudo sobre os moinhos do Mocho, feito para sensibilizar as pessoas no sentido do respeito e da preservação do património cultural. E conclui-se este estudo com uma entrevista. A Sr.^a Adelina foi, certamente, a última pessoa que trabalhou no moinho de água. Daí a razão desta conversa, que propositadamente se apresenta respeitando com plena fidelidade as palavras, os modos de dizer daquela senhora — uma memória valiosa para a história de Espinho.

Também isto é património cultural. No fundo, o grande património cultural é exactamente o povo, a sua memória, a sua experiência, a sua vida. Monumentos, moinhos, traços, costumes, tradição — tudo isso só tem sentido por relação com o povo que os criou e deles se serviu. De outro modo seriam coisas mortas.

VELHOS MOINHOS (TAMBÉM) SÃO PATRIMÓNIO CULTURAL (fim)

Por HÉLDER PACHECO

Entrevista à «Sr.^a Adelina do Mocho»

Como se chama?

— Adelina Pinto Pereira.

E a idade?

— A idade, tenho 83, «fez» no dia 22 deste mês.

Nasceu aqui em Espinho?

— Não senhor, nasci na freguesia de Seixezelo que é lá cima em Grijó, à beira da estrada real.

E veio aqui para Espinho há quanto tempo?

— Vim para cá para Espinho quando «fez» a comunhão solene e vim para cá servir.

E depois?

— Depois fiquei aqui a servir e aqui fiquei sempre, aqui estou sempre.

E então como é que veio aqui viver para o moinho?

— Olhe, porque o meu marido «ópois» isto ficou vazio e ele falou com a senhoria e disse: eu, parece que tencionava alugar estes moinhos. E ela disse: eu alugo. E porquanto? E

não fosse que não queria que ele fosse p'ra lá, porque aqui também se levava a vida se trabalhasse. Ele arranhou trabalho para um «almazem» e começou a trabalhar e ficou com estes moinhos p'ra ganhar algum. Não eram estes, era ali naquela casa, tinha duas pedras a moer. Ele era que arranjava os moinhos, era que arranjava aquilo tudo. Agora, depois que ele faltou, já fez quarenta anos, vai fazer quarenta e um agora para o dia 6 de Setembro, de maneira qu'olhe, assim acabou tudo.

Lembra-se há quantos anos é que veio para cá? Assim, em que ano foi?

— Não sei, em que ano foi «num» sei, porque a gente «num» botava sentido, «num» é com'agora. Eu nunca entrei dentro de uma escola na minha vida, e de maneira qu'a gente «num» botava sentido. Eu vim p'ráqui tinha 10 anos. Agora tenho 83... E já tive 12 filhos, 12.

Lembra-se deste moinho? Co-

senhora é que trabalha aqui nestes moinhos? E vai assim: pois a senhora tem que os deixar ou tem que pagar um imposto muito grande, que a senhora num pode pagar. Digo, ó senhor, eu «num» pago nada e deixo os moinhos porque eu «num» sei agora arranjar isto, nem posso, «num» podia andar co'as pedras p'ra baixo e p'ra cima, não. Isto agora vai paralisar porque o meu marido faltou e eu nada posso fazer. Está bem, então está bem. Quem é o dono disto? Eu lá lhes disse, morava em Silvalde e assim «num» sei parte de nada, se eles «foro» lá, porque naturalmente «foro». O que é certo, tem aqui uns sobrinhos que «moro» nesta casa grande aqui e disse: ó Adelina, vamos deixar os moinhos todos — que eles também «tinho» duas rodas a moer, que a casa foi agora abaixo por causa da estrada.

Portanto, havia mais moinhos aqui neste sítio?

— Havia, mesmo aqui já, «ó» ireito daquela casa grande havia assim em baixo, estavam, a estrada agora é por baixo, mas a casa estava na beirinha da estrada e botaram-na abaixo para fazer a estrada.

PARALISOU TUDO...

Aqui, neste sítio, havia então dois moinhos pelo menos, este e outro?

— Este e aquele ali. Eles lá «tinho», «num» tenho bem a certeza mas parece que «ero» três rodas, aqui «ero» duas e lá «ero» três... E depois olhe, depois acabou-se. Paralisou tudo, eles também acolá «num» «quisero». Também «dissero»: ai, nós também por nós deixamos ficar. «Deixaro» ficar, acabou tudo, acabou os moinhos. Muita gente vinha aqui, senhoras e assim, «vinho» aqui e «dezio» assim: então agora «num» há onde a gente moia um bocadinho de farinha para cozer um bocadinho de pão? Pois não, minha senhora, agora acabou. Ai meu Deus, acaba-se tudo «im» Espinho, «num» fica nada d'antigamente. E elas assim, as senhoras.

A senhora Adelina lembra-se daquele moinho que está ali em cima? Está ali em cima uma casa que parece um moinho de vento. Lembra-se disso, de haver ali um moinho sem ser de água?

— Aqui em cima? Pois lembro, pois, aquele moinho dos da quinta, «chamavo-lhe», olhe ele até quando houve aqui uma revolta aqui há anos já, ele coitadinho fugiu que ali era tudo deles, a casa, tem uma casa muito grande na parte de cima, perto da estrada, na quinta, isto era uma quinta, olhe, abandonou aquilo, fugiu e nunca mais se soube dele, nunca mais. Ou ele morreu ou está p'ra muito longe, mas ele decerto já morreu, já vai há anos.

Não sabe que revolta foi essa?

— «Num» sei se foi a monarquia...

A República?

— Parece que um dia «apareceram» aqui os marinheiros e muita coisa e «ópois» a atirar fogo para cima, para o ar, os militares botavam coisas no chão a atirar fogo p'ra cima, p'ros aviões. E o «probe» do «home» lá foi...

VÁRIOS MOINHOS

A senhora lembra-se de o moinho ter velas a andar?

— Muito bem. Aquilo andava, andava e moía, moía a farinha. Era a vento.

Não se lembra mais ou menos como ele era?

— Olhe, ele tinha, ele era coberto, agora foi um ciclone que veio aqui há tempos e descobriu aquilo tudo e estragou, qu'eles ainda «estavo» bons. Ainda tem outro da parte de cima. O da parte de cima «num» sei se chegou a moer nem se não, este moeu. E sabe o senhor, depois ele era assim, tinha assim um pau grande comprido e tinha uma roda, uma roda de madeira, e aquela roda, quando o vento tocava, sim, quando o vento vinha, ela andava de roda, era quando eles «moio».

E lembra-se de haver mais iguais?

— Também tinha um ali «im» cima, neste campo igual. Igual a ele. Também era dos do Oliveira, também «moio» lá.

Portanto, lembra-se de haver aqui pelo menos dois moinhos de vento e...

— E dois de pedra, dois de pedra.

ISTO TEM MUITO ANO I

Como é que era conhecido este moinho e este ribeiro que aqui passa?

— Este ribeiro aqui é o rio da Hidráulica, é mesmo o nome dele, é o rio da Hidráulica. E o do Mocho, esse foi o que foi abaixo. Era um tanque muito grande, lavava muita gente em toda a roda, em toda a volta, era o Mocho. Foi abaixo, está debaixo da estrada. E também lá está a gruta, qu'eles «num» «consequiro» botá-la abaixo. O Mocho até o «sarraro», até o «sarraro» com uma serra que era de ferro, tinha a Mocha e no sítio da Mocha tinha uma bica a cair a água p'ra baixo e no sítio do Mocho era uma bica de água e tinha um tubo assim, uma espécie de uma pia e botava-se ali o cântaro e enchia, enchia os cântaros.

Porque é que se chamava o Mocho, não sabe?

— «Num» sei, «num» sei porque era. Estava lá a Mocha e o Mocho e tudo dizia: olha o Mocho e a Mocha, está ali. E eu dizia, eu até achava graça que dizia assim: «chamo-lhe» o mocho e ele coitadinho nem fala, nem lê, nem diz nada. E eles rio-se.

Voltemos ao moinho. O pagamento era em dinheiro ou as pessoas davam também um tanto de farinha?

— Era em dinheiro, era tudo em dinheiro, o povo «num» queria assim a farinha, era tudo... a gente moía no princípio a 10 tostões a arroba, uma arroba era 10 tostões, meia arroba era 5 tostões. Depois chegou a ser a 25 tostões. E dali «num» passou, foi sempre a 25 tostões a arroba. (...) Moíamos p'ras «lojes», p'ras «lojes» assim bastante farinha. P'ras «lojes» era tudo a peso, recebíamos a peso e dávamos a peso, tínhamos uma balança, pesava ali e eles também «pesavo» lá... tinha que se dar o peso certo.

Houve sempre aqui este lavadouro ou não?

— Aqui atrás «fizero», depois qu'isto paralisou é que «fizero» este lavadouro para aqui, que «num» era aqui que se lavava nada. Isto era mesmo a presa dos moinhos, p'ra juntar a água p'ra moer com mais força, p'ra ir p'ra baixo p'ra moer com mais força. Agora está tudo estragado, isto tudo, as paredes e tudo, está botado abaixo, porque as lavadeiras «estrago» tudo e também o tempo e a água, quando é no inverno vem umas cheias muito grandes, «arrebento» tudo. De maneira qu'olhe, assim se vai acabando, é como a gente...

Estes moinhos têm uma história, já aqui estão há muito tempo. Antes de a senhora vir para aqui, já eles existiam...

— Isto tem muito ano, Jesus! Eu digo que tem mais de duzentos anos...



Uma vida de 83 anos, uma memória notável. Aqui reside o verdadeiro património cultural.

ela na altura quis 30 «melreis», 30 «melreis» eu alugo isto. E ele alugou-os e vim para aqui, de maneira que ia buscar milho, sacos de milho às «lojes», que dantes todas as «lojes» «cozio» broa aquase, p'ra «bender», e «ópois» moíamos, moía e ele tornava lá a levar, ou eu levava ou ele, de maneira qu'olhe, foi para ganhar algum, porque já tínhamos 4 filhos e ele ganhava 10 tostões por dia, p'ra nada.

Ele trabalhava sonda?

— Na companhia, estava na companhia empregado.

Mas na companhia de quê?

— Os Caminhos de Ferro, era carregador. E depois eu disse que não tinha jeito, porque aquilo nem chegava. Nós já pagávamos «ó» tempo, «num» era aqui que vivíamos, era lá em cima na rua 5, numa casa, pagávamos 8 «melreis» por mês, que é que ficava? De maneira que ele resolveu sair da Companhia porque «ó depois» eles «querio», eles transferiram-no para perto de Lisboa e eu disse que não fosse p'ra lá, que

mo é que ele era no princípio, era assim? Estava em bom estado?

— Estava em bom estado, pois estava. O telhado era melhor. Bem ali, também está melhor porque já foi reparado, já «fizero» telhado novo e armação e tudo, aqui é que nunca «fizero» nada. De maneira que sempre está melhor.

Mas na altura, depois veio outro e alugou. «Im» antes de nós vir para aqui, veio um senhor, também já morreu, já está tudo na terra da verdade, e alugou os moinhos e moía às carradas de farinha e levava. Levava e vendia e também cozia broa e vendia. Depois atrás dele, qu'ele faltou, ele entregou os moinhos, «num» quis saber daquilo, então foi que o meu marido tomou conta deles. Vivíamos aqui já, mas ainda os moinhos eram do tal senhor, qu'era dum tal senhor chamado Antonino Caleiro. Agora depois qu'ele faltou, os moinhos «acabaro». Também «viero» aqui uns fiscais ou «num» sei qu'ê e «dissero»: ó senhora, a

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º
Telef. 921014
ESPINHO

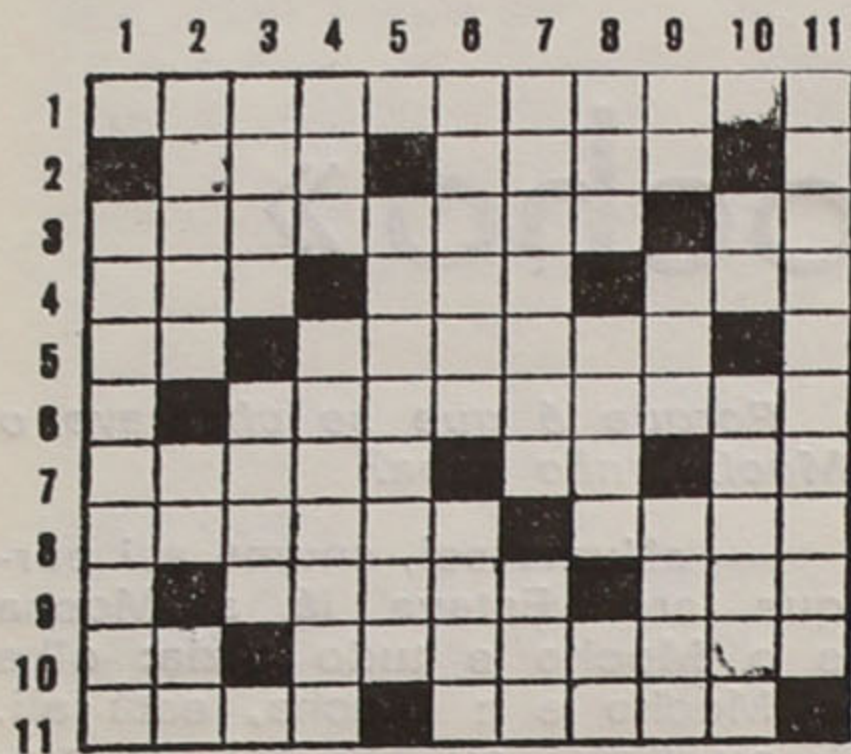
CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390
TELEF. 920452



N.º 78



HORIZONTAIS

1 — Lisura de carácter; 2 — Lista; vereador; 3 — Sistema montanhoso onde se encontra o Everest e algum dos outros picos mais altos da Terra; ai; 4 — Glicido que se desdobra por hidrólise; Assembleia Geral Ordinária; unidade de trabalho do sistema C.G.S.; 5 — Rádio; macaqueiam; 6 — Propagada por uma grande área; 7 — Antiga empresa petrolífera portuguesa, agora integrada na Petrogal; boa; prefixo de negação; 8 — Mandes vir; apelido da actriz brasileira que na telenovela «O Astro» desempenhou o papel de Amanda; 9 — Processos; ponha abas 10 — 3.1416; cães de guardar gado; 11 — Perspicácia; actos públicos.

VERTICAIS

1 — Previsão do futuro através dos signos do Zodíaco; 2 — Matiza; interjeição de admiração; quarenta e nove; 3 — Designação; falam alto; 4 — Muitos como este formavam uma tribo na antiguidade; substância com a mesma composição mas propriedades diferentes de uma outra; 5 — Ciclóstomo de água doce muito apreciado na região entre Douro e Minho; 6 — Lutar contra a adversidade; canapé; 7 — Imbecil; dele; 8 — Matutino de direita lisboeta; camareiras; item (abrev.); 9 — Alumínio; espécie de avestruz; capital do Algarve; 10 — Cidade da antiga Caldeia; demónios; 11 — Muitos milhares aproveitaram as férias de Verão para visitar a família.

SOLUÇÕES DO N.º 78

HORIZONTAIS

1 — Soviéticos; 2 — Ia; ábacos; 3 — DC; MSR; lobo; 4 — Era; utai; RC; 5 — Nenúfar; RAI; 6 — Tremor; Baco; 7 — Maculada; 8 — Ruco; agitará; 9 — Iena; amir; 10 — Orava; pá; Cu; 11 — Sobre-mesa.

VERTICAIS

1 — Sedentários; 2 — Crer; UER; 3 — Vi; anémonas; 4 — lam; uma; avo; 5 — Sufoca; ab; 6 — Tartaruga; 7 — lb; ar; limpe; 8 — Cali; batiam; 9 — Oco; radar; 10 — Sobraçar; Cs; 11 — Sócio; água.

PRECISA - SE

Escriturário «Part-time»

Para serviços de expediente

Resposta ao Apart. 188 — Espinho

Hóquei em Campo

continuação da página 7

o seleccionador nacional, o Dr. Alvaro Rocha, praticante há mais de 15 anos, temos vários atletas na selecção do Norte, temos na Comissão Central de Árbitros, o sr. Alfredo Dias. Portanto o nosso trabalho é admirado, considerado, reconhecido. Não somos grandes potências, mas trabalhamos com amor ao clube e à modalidade. E vamos tendo os nossos resultados...».

RECEITA PARA TIRAR A BARRIGA?

M.V. — Por vezes julga-se que o Hóquei em Campo é um refúgio dos atletas irradiados das outras modalidades, daqueles que não têm grande habilidade, dos de idade mais avançada que querem perder a barriga. Que há de verdade em tudo isto?

M.L. — «Antigamente isto era um bocado assim. Jogava-se como receita para perder a barriga. Era refúgio dos irradiados, dos indisciplinados. Agora a juventude já aparece, já adere. Já há muito mais por onde escolher. Antes, quem viesse à rede era peixe. Quanto ao aspecto disciplinar agora a mentalidade é outra, talvez devido às mudanças de mentalidade que se têm sentido. Ainda há problemas injustificados, mas as coisas mudaram. Veja-se o caso da AAE acabamos o campeonato sem um castigo, sem uma mancha. Foi a nossa maior vitória!».

ARBITRAGEM: UM CERTO SECTARISMO

M.V. — E a arbitragem, como é? Isenta ou parcial, sem erros ou «caseira»?

M.L. — «Há um certo sectarismo «aquém ponte». A maioria dos árbitros, na Zona Norte, são da zona de Ramalde. Há sectarismo e uma certa falta de preparação por parte de quem

Futebol

continuação da página 7

na qualidade e na quantidade. Rúben confirma e dá-nos esperanças de grandes jogos, Carvalho não pára, João Carlos como de costume. Além disso temos Reis a jogar mais recuado, a auxiliar no «miolo», a construir as jogadas de ataque e a concretizar. Contudo, parece-nos que o ataque do Espinho não tem «pontas-de-lança», para poder prescindir do «capitão» nessa zona fulcral. É claro que ainda não vimos Vítor (a contas com lesões) nem Rodrigo, podendo com a entrada destes, sair Reis para a frente. Também tem sido experimentado a médio-esquerdo, o jovem Hermínio, pouco experiente, mas senhor dum bom pé canhoto.

Na frente a novidade é Moínhos, que tem que ter mais para mostrar do que aquilo que vimos. Belinha parece-nos mais jogador do que na época anterior, enquanto Canavarro e Santos ainda estão muito descontrados, exibindo indesculpáveis fífias.

Numa apreciação global, julgamos que a equipa poderá vir a dar o mesmo que na época passada, com um futebol prático, pouco bonito, mas a render pontos, que é o que interessa, ao fim e ao cabo.

Mas no próximo dia 24 já é a doer, já é para o Nacional. Um Portimonense muito reforçado e cheio de pretensões, a fazer voltar as tais cólicas de domingo.

dirige os encontros. A nível de atletas a situação mudou muito, como disse. Para isso contribuíram os contactos internacionais, a escola que é o «Hóquei de Seis», a mudança de mentalidades. A nível de arbitragem é preciso mudar. É por isso que eu, atleta há 11 anos, o Dr. Alvaro Rocha e o Fernando Neto vamo-nos dedicar à arbitragem. É um grande sacrifício para quem joga há tanto tempo, mas temos que contribuir para um melhor comportamento dos juizes. A melhoria da modalidade também passa por aqui!».

DAS MELHORES ÉPOCAS DE SEMPRE

M.V. — Mas falemos da passada época. Como era o «plantel» da AAE?

M.L. — Para desmentir a tal história de desporto para «velhos», basta ver a nossa secção. Temos duas equipas, uma de honra, uma de reservas, com um total de 30 praticantes. Mais de metade são indivíduos de vinte e poucos anos, a cumprir serviço militar, o que faz com que nos treinos não possam comparecer todos. Nos restantes há a salientar como veteranos, o Manuel «Sancebas», guarda-redes das reservas e grande entusiasta da modalidade e o Fernando Meneses, o jogador mais antigo do Norte (pelo menos); muito considerado a nível de Federação, membro da equipa de honra, um pouco de garra, de força de vontade, um verdadeiro estimulopara os mais novos».

M.V. — E quanto a resultados como foi a época?

M.L. — «Esta época agora finda foi, na minha opinião das melhores de sempre. A equipa de reservas classificou-se entre a cinco melhores formações do Norte, a equipa de honra disputou os jogos de passagem e subiu à 1.ª Divisão, consentindo em 12 jogos, uma derrota e três empates, marcando 22 golos (o que era raro entre nós) e sofrendo apenas 4. Além disso como não tivemos castigos, disputamos com o Canelas (vencedor da 2.ª divisão — Norte e também sem processos disciplinares) a Taça Dia Olímpico que vencemos por duas bolas a zero. Na Taça de Portugal fomos até aos 4.ª de final, tendo sido afastados pelo Leixões, após prolongamento e de forma um tanto injusta. Participamos ainda, em vários torneios particulares, conseguindo uma apreciável série de êxitos. Vencedores da «Taça 25 de Abril» frente ao Serzedo, finalistas no Torneio do Vigorosa Sport frente ao F. C. Porto, em resumo, contribuimos para o enriquecimento do clube em matéria de troféus».

M.V. — Deixando de lado um passado-presente, como é encarado o futuro da secção?

M.L. — «Quanto a atletas saíram seis mas vão entrar perto de doze o que nos garante, para um futuro mais próximo, a continuidade da secção. Para me substituir como seccionista já temos assegurada a colaboração dum antigo dirigente do Grijó, que já deu provas do seu valor, da sua força de vontade, da sua dedicação ao Hóquei em Campo. Mas o futuro da modalidade, como secção do clube, está no campo. Sem ele serão, cada vez, mais difíceis!».

Na AAE continua-se a jogar hóquei de onze.

Um hóquei — «sem» — campo mas com muito amor à camisola.

ZITA DUARTE

Artigos de Artesanato

CENTRO COMERCIAL PRAIAGOLFE
CASA 2

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Agência dos Pneus «FIRESTONE»

Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas
por sistema electrónico

Lavagem automática — Reboque Permanente

Angulo da Av. 24 e Rua 29

Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097

ESPINHO

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca
de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicycletas — Acessórios

Av. 24 n.º 841

Tel. 923800

Apartado 107

ESPINHO

RESTAURANTE — SNACK - BAR

O PADRINHO

Especialidade da Casa: Cabrito assado

Aberto todos os dias até às 2 horas
da manhã

Av. 24 n.º 697 - Tel. 920665 - ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas,
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ESPINHO

TEL.
923266

PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus
Nacionais e EstrangeirosAssistência Técnica
— Alinhamento de Direcções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) - ESPINHO

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

ESPINHO

Telefs. 920325 / 920977

BERCKO

TV CORES

Reparações imediatas ao domicílio.

Montagem de antenas simples e colectivas.

BAIXA DE PREÇOS

em móveis e electrodomésticos

HÓQUEI EM CAMPO

Na AAE: falta o campo mas há dedicação

Modalidade pobre do desporto nacional, ignorada pelo grande público, o Hóquei em Campo é um dos exemplos mais flagrantes do tal desporto por amor à camisola. A nível nacional, a nível local. Secção da Académica de Espinho há perto de quarenta anos, tem vivido à base da dedicação, da «carolice». Sem campo, sem meios, sem apoios, o fim deste próximo. Mas a experiência dos antigos, o vigor dos novos, a força de vontade de todos conseguiram que a modalidade continuasse a ser praticada entre nós, começando agora a poder colher-se os frutos.

Para nos falar de tudo isto fomos ouvir José Milheiro Lima, atleta, treinador e seccionista, um dos responsáveis pela continuidade do Hóquei em Campo como secção da AAE.

UMA MODALIDADE POBRE

M.L. — «Há quatro anos o Hóquei em Campo esteve para desaparecer em Espinho. Foi feito, então, um trabalho de captação de jovens, conseguindo formar-se uma equipa de juniores que constitui o presente da secção. São indivíduos capazes de melhorar e dar continuidade à secção. Além disso conseguimos, esta época, obter um apoio da direcção do clube, em escala muito maior do que em anos anteriores. O aluguer do campo, o policiamento e parte dos transportes (porque houve atletas que não se qui-

seram cobrar) esteve a cargo da direcção».

M.V. — Quer com isto dizer que nem tudo está a cargo da direcção do clube?

M.L. — «Exactamente. Os sticks, as bolas, os equipamentos são custeados pelo próprios atletas, muitas vezes com dificuldades. Chega-se ao ponto de se jogar com camisolas sem número, sem emblema, de formatos diversos. Pretendemos que para a próxima época seja a direcção do clube a custear to-

das estas despesas. Contudo, temos a possibilidade dum empresa nos subsidiar o equipamento em troca de usarmos publicidade nas camisolas, o que já acontece noutros clubes. Ainda que em certos de nós exista uma certa reserva em relação à publicidade, talvez seja a melhor solução».

M.V. — Uma modalidade pobre, uma secção pobre entre as várias da AAE?

M.L. — «Continuamos, na verdade a ser a secção que

gasta menos dinheiro. Contudo, este ano o Hóquei em Campo já recebeu 50 contos, enquanto nos outros anos a verba ia à volta dos 15 contos. Para a próxima temporada, já apresentamos um estudo das despesas, devendo a verba atingir os cem contos».

DO CAMPO DO ADVERSÁRIO PARA GRIJÓ

M.V. — Há pouco referiu-se aos juniores que são o presente da secção. E juniores para o futuro?

M.L. — «Tudo depende do campo. Na altura em que tivemos juniores, tínhamos a possibilidade do campo da Corfi. Depois, sem esta hipótese, como chamar jovens se não temos um mínimo de condições (pelo menos um campo) para eles trabalharem? Como se sabe jogamos no campo do Grijó (antes era no campo do adversário) treinamos em Serzedo juntamente com o clube local e nunca é a mesma coisa que termos o nosso campo, a nossa casa».

M.V. — E não há hipótese para um futuro, mais ou menos breve?

M.L. — «A nossa grande hipótese é o Estádio Municipal. Até essa altura não podemos abalancar-nos para um trabalho mais profundo, tanto de preparação dos atletas actuais como de divulgação da modalidade. Nem podemos chamar a nós público. É certo que o Hó-

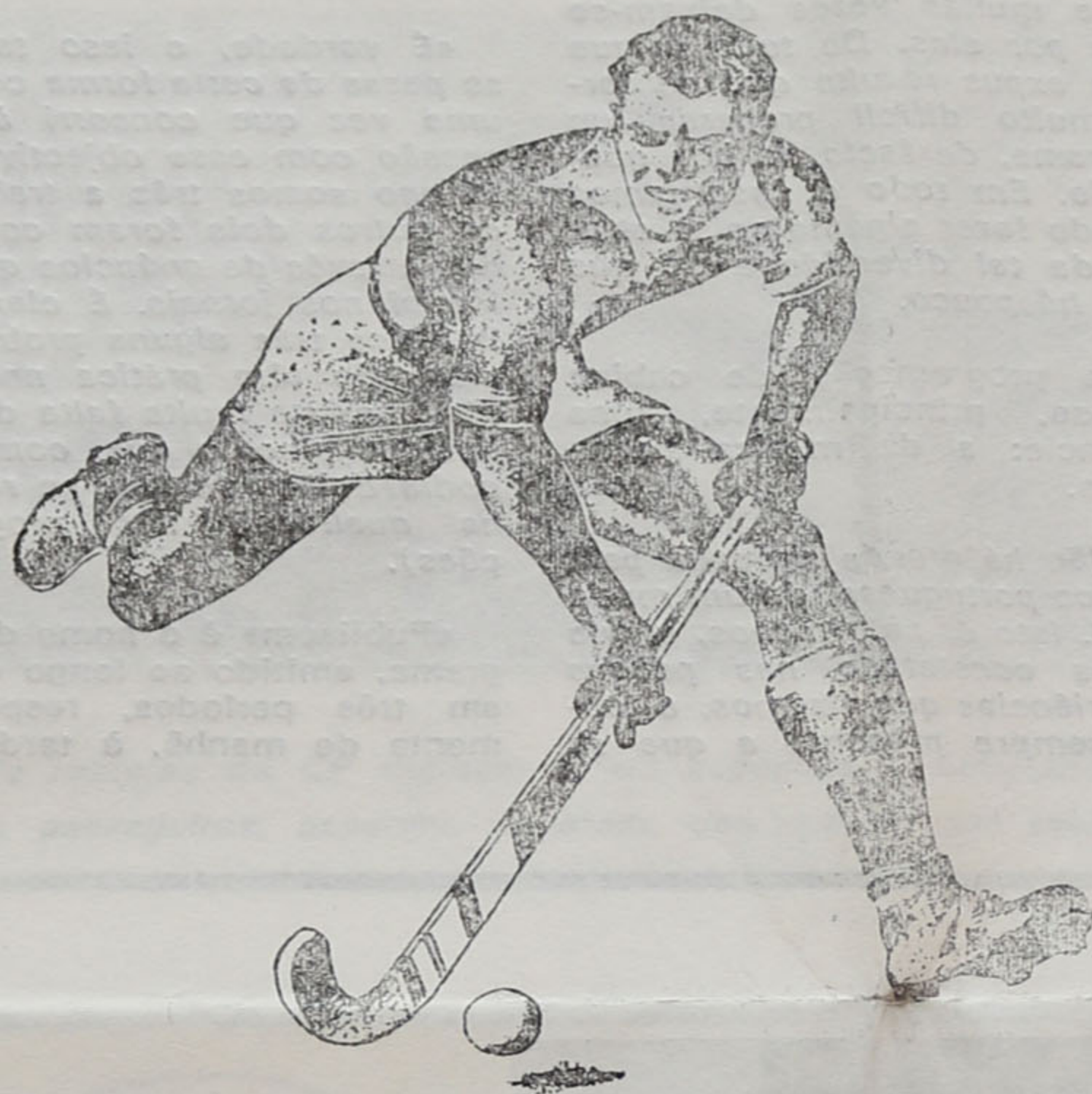
quei em Campo não é acessível a todos, as regras não são do conhecimento geral, mas quando jogávamos cá ainda tínhamos assistência. Note-se que em jogos do Campeonato Nacional, entre as equipas mais cotadas, chega-se a ter uma assistência de 4.000 espectadores o que tem muita a ver com os progressos da modalidade a nível nacional, com um número de praticantes a ultrapassar os 5.000, o que é significativo. Quanto ao trabalho dentro das equipas é mais pensado, mais elaborado e daí uma melhoria no hóquei praticado. Antes era só o Ramaldense, a grande potência, agora já aparecem em Lamas, um Futebol Benfica, um F. C. Porto, a lutar lado a lado. E já começam a surgir casos de transferências, de subsídios a atletas por parte dos clubes, em suma, o amadorismo puro também vai desaparecendo no Hóquei em Campo».

OS «INTERNACIONAIS»

M.V. — A equipa da AAE, recém chegada à 1.ª Divisão regional é portanto, um dos «pequenos»?

M.L. — «É claro que as condições em que trabalhamos dizem tudo. Não temos as condições de outros clubes, e não nos é reconhecido valor a nível local, é-nos a nível de Federação. Como se sabe, temos entre nós um atleta internacional júnior, o Óscar, temos

continua na página 6



«EM FUTEBOL DE TAMANCOS, QUEM TEM UMA CHUTEIRA É REI!»

Com mais uma edição do Torneio da Costa Verde, turística e pomposamente apelidado de internacional, iniciou-se (por cá) a época futebolística do clube da nossa devoção. Para matar as saudades, para ver como é que será este ano, para apreciar os novos nomes. Podia, também, ter sido pretexto para se assistir a futebol, pelo menos, razoável, mas não foi. Ver os nossos ganhar à vontade a equipas de segundo plano não enche barriga. Os dinheiros da Solverde e da Câmara não chegavam para coisa melhor? E já não se fala nos bilhetes, de preço mais que antipático, alto de mais para produto tão modesto.

Todos concordamos com a política realista que o clube tem seguido no que diz respeito a tesouraria. Todos sabemos que isto de futebol está mesmo para milionários, tanto faz se calculistas, se filantrópicos. Mas não se poderia ter encontrado uma solução que contentasse

as duas partes, os cofres e o público? Como se pode considerar o torneio cartaz turístico (está ou não está integrado nas festas de Verão?), se os atractivos são tão poucos?

Mas deixemos de bater na tecla e deitemos uma espreitadela ao que se passou nas quatro linhas, durante o último fim-de-semana!

OS FORASTEIROS

Nenhum dos três convidados se apresentou no Avenida a exhibir (pelo menos) um futebol sofrível, ainda que a boa von-

tade tenha sido demonstrada.

A classificação está certa, cada teve o que jogou! O último foi a Sanjoanense e, para já, foi o que mereceu. Contudo, uma certa frescura de equipa a par com alguns pormenores, poderão fazer-nos pensar que os homens de Mário Morais se não vão ser candidatos à subida, também não o serão à descida.

Os «Meirins» mostraram menos juventude, menos frescura que os «sanjoanenses», mas a sua equipa, ainda que com «banhas» a mais, não desagradou. Não nos parece ser esta a equipa que vai fazer com que o adepto salgueiral se regozige com uma ascensão ao degrau maior, mas, também, não os vai fazer chorar. Em resumo, duas equipas duras, próprias para a Zona Norte, com mais solução defensivas do que atacantes, com um futebol prático, mas ainda com cheiro a maresia, isto é, a férias.

Os «internacionais» do Torneio, os espanhóis do Desportivo da Corunha tinham garra, determinação, eram muito «habladores», verdadeiras carraças, sempre em cima dos adversários, berravam durante os noventa minutos (sem contos com o intervalo), alguns eram «durinhos», atiravam para as canelas. Técnica rudimentar e genica até aos cabelos, as características destes espanhóis, recém-descidos à II Divião —

B, lá do sítio.

OS NATIVOS

Os de cá se foram melhores do que os outros, também não foram nada de especial. Mas começam bem a época não é bom sinal. O que interessa é o bom que se pode ter adivinhado através do pouco que se jogou. E aí, podemos ter algumas indicações, ainda que muito do que se vai dizer já estejamos fartos de saber.

Quanto a guarda-redes conhecemos muito bem Gaspar e Serrão, sabemos que não são «foras-de-série», mas capazes de cumprir. Quanto a Ricardo ainda não pôde, como sénior mostrar o que é capaz. No sector defensivo não há, por enquanto, novidades. Fala-se num defesa-esquerdo, só com Raul é mais difícil, mas, até agora, não há certezas. Diz-se que poderá vir do F. C. Porto, talvez Jacinto, que jogou no Famalicão, mas diz-se, não se confirma. Quanto aos do ano passado nota-se um Coelho e um Amândio, em forma pouco apurada, um tanto trapalhões, um Raul a cumprir e um Freixo, mais em forma, a transformar-se na opção «penaltie» (dois já marcou) e a varrer bem a sua zona.

A linha-média parece ser o sector mais bem apetrechado,

continua na página 6

Futebol de Salão

O torneio do Sporting já terminou, concluída que foi a segunda fase e as finais. Como se sabe esta 2.ª fase esteve dividida em dois grupos, tendo os primeiros disputado a final e os segundos o jogo para o apuramento dos 3.ºs e 4.ºs classificados.

O vencedor absoluto deste torneio, muito disputado e muito concorrido pelo público, foi a equipa da «Lavandaria-A-Nova», que além disso conquistou a Taça Disciplina, referente a esta segunda e última fase.

Os resultados foram os seguintes:

3.º e 4.º EQUIPAS

Confecções Rolinha, 4
D.A.C., 1

FINAL

Jotex, 0
«Lavandaria-A-Nova», 2

(O vencedor foi encontrado através da marcação de grandes penalidades, já que ao fim do tempo regulamentar as equipas se encontravam empatadas a zero).

FICHA

1.ª Jornada (15 Agosto)

ESPINHO, 4 —

SALGUEIROS, 0

S.C.E. — Gaspar (Ricardo); Coelho, Freixo (1), Amândio (1) (P. Ribeiro) e Raul; João Carlos, Reis (1) e Carvalho (Hermínio) (1); Santos (Rúben), Moinhos (Canavarro) e Belinha.

2.ª Jornada (16 Agosto)

CORUNHA, 1 —

SANJOANENSE, 0

3.º e 4.º lugares

SANJOANENSE, 0 —

SALGUEIROS, 2

Final

ESPINHO, 3 —

CORUNHA, 1

S.C.E. — Serrão; Coelho (Ruben), Freixo (1), Amândio (Pinto Ribeiro) e Raul; João Carlos, Reis (1) e Carvalho; Moinhos (1) (Hermínio) Santos e Belinha (Canavarro).

O último ano de trabalho

Ao longo de alguns anos, a música foi companhia nos meses de verão para quem escolhia a Av. 8 para passar o seu tempo. Este é, porém, o último ano em que tal acontece: com efeito, a cabine irá acabar juntamente com o «picadeiro» que a tradição instituiu numa destacada instituição espinhense.

«Aqui há muita diversidade de gostos. Cada um dos três cafés da Avenida tem uma clientela diferente, com gostos próprios, com a sua maneira de pensar. Por isso procuramos

apresentar uma grande variedade de música num programa que consiga, dentro do possível, agradar a todos».

Foi assim que António Nery,

actual concessionário da cabina nos começou a falar do seu trabalho. E continuou:

«Estou de acordo em relação a algumas críticas que nos fazem a respeito da pouca qualidade de alguma música que, por vezes, é apresentada. Mas também é verdade que, por exemplo, o ano passado fizemos uma experiência com música clássica com péssimos resultados. Depois os locutores de serviço também têm os seus gostos e muitas vezes deixam-se levar por eles. De tudo o que atrás expus resulta que se torna muito difícil preparar um programa, de facto de boa qualidade. Em todo o caso temos tentado fazer alguma coisa através da tal diversidade de que falei há pouco.

Na programação de cabina nota-se, principalmente, uma ausência: a da música portuguesa.

«Não há grande simpatia pela música portuguesa, de um modo geral. Isto é, pelo menos, o que temos constatado nas poucas experiências que fizemos, e tendo sempre presente a que se

destina a música emitida pela cabina. Tentamos substituí-la pela música brasileira que é mais bem recebida. É claro que isto é um problema muito mais complicado, até de ordem social...»

Mas a cabina não serve só para ouvir música. Ela foi, durante todos estes anos um emprego de férias para muitos jovens que, nos meses de verão conseguiram assim juntar algum dinheiro.

«É verdade, e isso também se passa de certa forma comigo, uma vez que concorri à concessão com esse objectivo. Este ano somos três a trabalhar; os outros dois foram contratados através de anúncios que coloquei nos jornais. É claro que isto nos trás alguns problemas: eles não têm prática nenhuma disto, existe muita falta de profissionalismo, o que, como não podia deixar de ser, se reflecte na qualidade das programações».

«Publisom» é o nome do programa, emitido ao longo do dia em três períodos, respectivamente de manhã, à tarde e à

noite. Ora, a publicidade acompanha sempre a vida da cabina e constitui a sua única fonte de rendimentos.

«Contrariamente ao que se possa pensar devido à significativa diminuição de movimento na Av.º 8, principalmente por causa da abertura da esplanada junto ao mar, a publicidade tem aumentado. Os anúncios são, na maior parte dos casos, angariados por nós. Conseguimos inclusivamente, bastante publicidade de estabelecimentos do Porto e de Vila Nova de Gaia; do Porto porque as pessoas de Espinho vão lá muitas vezes fazer as suas compras; e de Gaia porque precisamente um dos locutores é de lá e contactou muitas casas que se dispuseram a serem anunciadas aqui».

É já para muito breve a demolição do edifício do antigo Palácio Hotel e de toda aquela zona que constitui o «picadeiro»; esta será efectivamente a última época balnear. Por isso pensamos ter interesse este pequeno balanço das dificuldades e das compensações de um trabalho que foi uma companhia de muitos anos.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

continuação da página 1

tras atitudes que acentuam a falta de democraticidade da AD».

Uma outra ausência lamentada foi a do Presidente da Junta de Anta. Fernando Fernandes (APU), secretário da Junta que substituiu o Presidente na sua falta (como a lei prescreve), afirmou que aquele devia estar presente, não como membro da AD mas unicamente e sobretudo como Presidente da Junta.

Jorge Carvalho lembrou que a Assembleia tinha poderes pa-

ra marcar nova sessão e até para destituir a Mesa, elegendo outra. Entendeu, todavia, que (e ao contrário do que faria a AD nas mesmas circunstâncias, por aquilo que demonstrou até agora) não o deviam fazer. Assim, em sua opinião, entregariam à AD mais esta responsabilidade.

E entregaram. Mas, pelos vistos, isto de responsabilidades é coisa que parece não preocupar muito a AD. De outro modo, como explicar actos tão graves como lamentáveis?

Os deputados municipais presentes na Assembleia, embora não tenham efectuado uma sessão normal, como era seu direito, resolveram tomar posição colectiva sobre o boicote dos membros da AD. Assim, aprovaram por unanimidade a Moção que a seguir se transcreve. Aprovaram também uma proposta de Antenor Pereira (PS) que sugeria a divulgação o mais ampla possível da citada Moção e dizia ainda aguardar que a Mesa da Assembleia «convoque nova reunião com urgência».

MOÇÃO

Tendo sido marcada uma reunião da Assembleia Municipal para o dia 4 de Agosto, às 21,30 horas, constatou-se, após uma hora, que apenas se encontravam presentes 21 membros, com ausência de todos os elementos da AD (PSD e CDS), faltando a Mesa da Assembleia, sem qualquer justificação, a Assembleia considerando que:

- 1) — se verifica a existência de «quorum»;
- 2) — nos termos do n.º 2 do Art.º 42.º da lei 79/77, se poderia destituir a Mesa da Assembleia e até eleger nova mesa;
- 3) — é lamentável a ausência concertada dos elementos do PSD e do CDS, revelando assim falta de democraticidade e desrespeito por

este órgão autárquico e pela população do concelho que nos elegeru.

- A Assembleia delibera:
- a) Censurar este comportamento antidemocrático, lesivo dos interesses da população do concelho;
 - b) Denunciar à população a irresponsabilidade demonstrada com esta atitude;
 - c) Prevenir os elementos da AD, que agiram tão levemente, no interesse das populações do concelho, que não permitiremos que uma situação semelhante se repita impunemente, no futuro.
- Aprovada por unanimidade.

Avelino Zenha
Jorge Manuel Pinto de Oliveira Carvalho



CONCURSO

FOTO LETRAS

— 4 —



Hoje, infelizmente, não temos prémio para anunciar. Na verdade, o concurso n.º 3 não era muito fácil: tratava-se de escrever um pequeno comentário sobre uma gravura. Talvez por isso, e talvez porque estamos em tempo de férias, as respostas foram em número reduzido. E as poucas que recebemos eram excessivamente longas, não satisfazendo os requisitos que julgamos necessários. Paciência...

Esta semana vamos facilitar. Não daremos muito trabalho numa altura em que a praia apetece. Para se habilitar a 350\$00 de livros ou discos no Centro Livreiro da Nascente basta que nos envie num postal a resposta a estas duas perguntas: quais os nomes das duas personalidades políticas apresentadas nas fotos? Por que partidos ou coligações são eles candidatos às legislativas?

Mãos à obra!

a fechar

«Quem não deve, não teme».

Sá Carneiro, pelos vistos, teme. Logo, deve. Dinheiro? Talvez.

Uma explicação clara? Com certeza.



PORTE PAGO

A Biblioteca Gultenkian
Rua 21 - ESPINHO